



CIEA7 #17:

DISCURSOS POSTCOLONIALES ENTORNO A ÁFRICA.

Carlos Serrano[◊]

cserrano@usp.br

As Elites em Angola, A Informalização do Poder e a Invenção da Tradição

*Pretendemos na nossa comunicação trabalhar duas categorias que habitualmente estão associadas à estrutura das sociedades tradicionais africanas e que num contexto contemporâneo são utilizados como instrumentos de manipulação política na formação das elites e seus grupos de interesses, num processo que chamaremos de informal, e por isso não passam pelos processos institucionais. São elas: os **casamentos de aliança** e suas estratégias familiares determinando quais os casamentos que possíveis entre indivíduos que transitem de regiões diferentes, de grupos étnicos diferentes ou de partidos políticos rivais e que desta maneira conduzam à inclusão de actores estranhos ao espaço social e/ou político a que tem acesso. A outra categoria refere-se à distinção entre **mais velhos e mais novos** como controle do poder dentro dos grupos de interesse, seja na guerrilha, na sociedade civil ou dentro dos partidos.*

Elites, Informalização do poder, Invenção do Poder.

[◊] Universidade de São Paulo.

Pretendemos na nossa comunicação trabalhar duas categorias que habitualmente estão associadas à estrutura das sociedades tradicionais africanas e que num contexto contemporâneo são utilizados como instrumentos de manipulação política na formação e reprodução das élites e seus grupos de interesses, num processo que chamaremos de informal, e por isso não passam pelos processos institucionais. São elas: os **casamentos de aliança** e suas estratégias familiares determinando quais os casamentos que possíveis entre indivíduos que transitem de regiões diferentes, de grupos étnicos diferentes ou de partidos políticos rivais e que desta maneira conduzam à inclusão de actores estranhos ao espaço social e/ou político a que tem acesso. A outra categoria refere-se à distinção entre **mais velhos e mais novos** como controle do poder dentro dos grupos de interesse, seja na guerrilha, na sociedade civil ou dentro dos partidos. Se nas sociedades tradicionais estas categorias constituíam processos estruturantes destas sociedades em África no contexto de hoje são mais processos simbólicos de certa eficácia para delimitarem, controlarem e manipularem processos políticos e espaços do poder não necessariamente institucionalizados. Balandier, Abner Cohen e outros autores já realizaram trabalhos com certas metodologias a que recorreremos.

Da horizontalidade a que se refere a primeira categoria e exprime a segmentação de grupos de parentesco e familiares de interesses comuns ou não na sociedade; temos por outro lado a segunda categoria que define pela verticalidade as relações etárias estabelecendo uma hierarquia também importante para a análise de relações de poder não institucional.

ESTRATÉGIAS FAMILIARES E PODER

Diz-nos Abner Cohen que os modelos de casamento são inerentes à distribuição e manutenção do poder entre grupos, constitui assim um mecanismo de amizade e aliança entre os homens.

Recuando historicamente nos primórdios da colonização em Angola que muitas vezes os portugueses se apercebiam destes mecanismos e deles participavam para conseguir certas formas de aliança com as chefias locais para participar do comércio que se estabelecia nos caminhos que do litoral conduziam ao interior.

Vemos que as populações africanas, principalmente por meio dos chefes dos grupos, não eram agentes passivos com relação a esses comércios; pelo contrário, eram indivíduos que procuravam no comércio estabelecido com os europeus determinadas mercadorias que podiam legitimar, com bens de prestígio ou as armas

necessárias ao confronto com outros grupos, o seu próprio poder e, dessa maneira, necessitavam de alianças, não só com os europeus que comerciavam directamente, como também com os africanos europeizados, que serviam de intermediários nesse comércio. Como exemplo, temos aqueles que se denominavam os **calçados**, que eram indivíduos já europeizados e, por isso, se denominavam desse modo, na medida em que se vestiam e se calçavam à europeia, aos quais muitas vezes era interdita a entrada em territórios mais longínquos. Essas alianças muitas vezes se consubstanciavam em matrimônios de comerciantes europeus, mestiços e também “calçados” com mulheres ligadas por parentesco aos chefes locais onde se realizava esse comércio.

Um documento por nós conseguido pode-nos exemplificar o tipo de comércio estabelecido entre um indivíduo europeu vindo do litoral e percorrendo o sertão a caminho do planalto central de Angola (Planalto do Bié), dando-nos a conhecer por casamentos múltiplos as formas de aliança que explicitam não só o trajeto mas também a legitimidade adquirida em locais diferentes. O documento, cedido por uma pessoa amiga, refere-se à relação de filhos de Santos Pascoal, comerciante europeu estabelecido em 1896 em Benguela-Velha, mais tarde denominada Novo Redondo, no litoral, que realiza múltiplos casamentos com diferentes mulheres, que nessa relação são pelo menos quatro, e em épocas diferentes, que vão de 1896 a 1914, tem com essas mulheres africanas pelo menos doze filhos, num trajeto que vai de Benguela-Velha passando por Bailundo até chegar a Bié, no planalto central. A poligamia desse comerciante é legitimada, como consta nesse documento, por batizados dos filhos surgidos dessas múltiplas uniões, cujos padrinhos parecem-nos ser comerciantes estabelecidos nessas mesmas regiões. Esses casamentos múltiplos e essa proliferação de novas gerações que podem vir no local a legitimar a sua ação como agente comercial mostram o processo de aliança não só com as populações africanas, como também com os comerciantes já estabelecidos nessas regiões. Desse modo parece-nos que há uma dupla ação, primeiro de reconhecimento do poder local por alianças e casamentos múltiplos, assim como a legitimação desses casamentos consubstanciada no nascimento dos filhos e, depois, de reconhecimento dos valores próprios da sua cultura na medida em que essas crianças eram batizadas e recebiam, nessa relação que nós analisamos os nomes explícitos de padrinhos e madrinhas. Mas não estão patentes nesse documento as suas origens em termos das linhagens maternas.

Este documento até certo ponto nega uma afirmação do professor Jorge Dias, de que as relações estabelecidas pelos portugueses com outros povos eram marcadas por uma tradição de igualdade como criaturas de Deus. Diz-nos o professor

Jorge Dias que, como a grande maioria dos colonos era do sexo masculino, as alianças com as mulheres indígenas eram muito frequentes e delas nascendo uma prole numerosa, que os pais em geral consideravam como filhos e educavam como podiam. O caráter português e as suas tradições sociais harmonizavam-se perfeitamente com as tradições indígenas. Por outro lado, as tradições patriarcais levavam os portugueses a estender os deveres de proteção a todos os familiares, mesmo quando a família era natural. E diz-nos ainda que, quando os pais faltavam a esse dever, o predomínio entre inúmeros povos indígenas africanos do direito de sucessão por via uterina, ou seja, o regime matrilinear, assegurava sempre ao mestiço um lugar entre os seus. Essa afirmação parece-nos exatamente deixar transparecer a diminuição de importância da política que assegurava a esses colonos alianças e a possibilidade de manutenção de laços comerciais e políticos que asseguravam a sua permanência entre esses grupos. Mas esse colono, ao estabelecer as relações nesse documento citadas, em que exclui os indivíduos do lado materno concretiza um processo de exclusão desses mesmos grupos, sendo dos seus casamentos bem como a origem matrimonial de seus filhos, que muitos desses colonos viviam e conheciam as tradições locais muito bem, para melhor se integrar nas comunidades africanas e se legitimar perante elas.

No entanto queremos aqui melhor conhecer como as elites africanas condicionavam estas alianças em centros urbanos importantes como Luanda onde certas famílias “crioulas” desde o século XIX esbeleceram e se apropriaram do espaço social e de poder simbólico devido a sua ancianidade entre os segmentos nativos locais criando uma certa endogamia regional.

Mario Pinto de Andrade em entrevista a Michel Laban dá-nos a conhecer alguns destes exemplos ainda no tempo colonial de certas personagens estranhas a estas famílias que conseguiram estabelecer casamentos de aliança e assim serem integrados neste espaço de uma elite crioula (angolanos negros e mestiços) mais ou menos fechada.

Mário de Andrade diz-nos que:

Eram estas pessoas, famílias grandes famílias de Angola (penso que se refere a Luanda) e que conseravam-se como famílias aristocráticas _ é claro, sem nenhuma relação com qualquer realeza, mas com um certo número de valores... acrescenta que nas suas genealogias encontram-se certamente brancos,... mas brancos angolanizados daí sua criouliização com muito bem nos explica Mário Antonio Fernandes de Oliveira. Mario de Andrade fala-nos de alguns nomes destas famílias que estão na memória de sua infância como Assis Júnior, Castelo Branco, Africano de Carvalho os Vieira Dias, etc. Estas famílias diz-nos eles rejeitavam

outras que se vão formando no mesmo espaço urbano que estão chegando de fora como os Mingas (vindos de Cabinda) os Van-Dúnens e que viriam a fazer parte importante das mesmas bem como partilhando de uma parte importante do poder em situação post-colonial depois de “casamentos de aliança.

Um outro cabinda Benge e mesmo outros como pai de Américo Boavida de origem moçambicana. Evidentemente que esta integração através de matrimônios e estabelecendo laços de parentesco passa por adesão a certos valores ou capital simbólico importante nestes segmentos: a educação, pertencimento ao grupo de assimilados que tem interesses comuns na formação das elites.

Muitas destas famílias vão estar representadas na contestação ao colonialismo e estabelecer laços de solidariedade durante a Luta de Libertação Nacional como é o caso de Mário Pinto de Andrade acima citado. Pintos de Andrade, Vieira Lopes e novas geração das elites revolucionárias surgem ainda marcando o espaço que agora emerge não só na luta mas dentro dos partidos que conduzem esta Luta. As estratégias familiares na construção e reprodução das elites se renovam criando possibilidades de entrada de novos atores após a Independência.

Alfredo Margarido já apontava este processo em Cabo Verde ao se referir aos líderes caboverdianos de volta a pátria depois de longos anos de exílio e diz-nos: “Ce retour au territoire national a été accompagné d’une vague de mariages parmi les plus importants dirigeants politiques (...) avec des jeunes filles cadettes d’au moins deux classes d’âge.” (mais novas) E ainda acrescenta “Le mariage n’est pas une pure contingence, c’est un lieu où se nouent les relations entre communautés. Le mariage inter-ethnique est sans doute un critère fondamental pour éprouver la valeur d’affirmations politiques”.

A mesma coisa vamos encontrar em Angola dentro de novos contextos e estes tipo de casamento se renova para dar lugar a novas alianças alargando as redes políticas. Ainda assim, um certo núcleo original de famílias mantém a hegemonia do poder seja político e ou econômico e isto pode ser analisado em genealogias construídas por alguns membros seja na internet seja em livro publicado recentemente.

Escritores angolanos como Pepetela no seu livro *A Gloriosa Família* e José Eduardo Agualusa em *O Vendedor de Passados* já davam conta deste processo em ficção mas conhecido dos “mujimbos” (rumores) do povo.

Podemos citar alguns exemplos pós-coloniais além daqueles já citados anteriormente dentro dos próprios partidos assim como daqueles que transitaram de

partidos diferentes em situações pós-coloniais. (normalmente citados nas notícias de jornais).

General Wambu e Hitti ; e militantes de relevo Nzau Puna, Tony Fernandes da Unita ao deixarem o partido e fazerem uma nova aliança política com o MPLA contraíram matrimônios com senhoras luandenses de algumas famílias conhecidas.

Estes casamentos de aliança não são apenas a união de diferentes famílias do mesmo universo cultural ou étnico, eles têm também um componente transétnico que no novo contexto nacional amplia a construção de novas redes de influência e de controle político.

“OS MAIS VELHOS” E O PODER TRADICIONAL NO CONTEXTO MODERNO

Em relação à autoridade dos diversos atores nacionalistas na guerrilha durante a luta de libertação nacional deve-se sublinhar que esta dicotomia devia transitar dentro de certos limites e neste espaço os **mais novos** adquirem autoridade técnica, ficando aos **mais velhos** a autoridade social. No entanto, há necessidade de uma articulação entre essas duas formas de autoridade. Assim, temos simultaneamente o respeito pela autoridade familiar e pelos **mais velhos** e o poder efetivo exercido pelos **mais novos**, guerrilheiros que respeitam os mais velhos, lhes pediam opiniões e conselhos com frequência mas estes não interferiam no espaço da guerrilha. Deve-se pensar quanto aos guerrilheiros que estes apesar de tudo dependem bastante dos **mais velhos**, chefes tradicionais enquanto fornecedores por vezes de alimento e informações sobre o inimigo. Existem, tensões mesmo assim entre estes dois segmentos em certos momentos mas a cooperação entre eles era

Dentro dos movimentos, partidos, que conduzem a luta de libertação a construção de uma liderança com poder absoluto no seio de cada um deles favorece a representação entre os militantes e guerrilheiros na medida em que eles eram recrutados entre as populações camponesas, da figura do “mais velho” como figuras emblemáticas e conhecidas nas sociedades tradicionais. Assim o Tata e mwana nas linhagens e o Mais velhos e caçulas ou jovens nas classes de idade são reconhecidas e se reproduzem nos novos espaços dentro dos partidos. Penso mesmo que são encorajadas na medida em legitimam certas hierarquias.

Tanto na leitura das memórias, auto-biografias e entrevistas das diversas lideranças fica bem explícita a citação dos mais velhos com certa reverência mas que

mais do que isso determina na maior parte das vezes um questionável poder centralizado dos líderes e das elites dos movimentos.

Sa figuras dos mais velhos como Agostinho Neto no MPLA, Roberto Holden no FNLA e Jonas Savimbi na Unita são constantemente citados como os mais velhos em sua representação do poder neles sintetizado. Mais uns do que outros. Sem dúvida que aquele que mais fez uso desta classificação é, penso eu, Savimbi. Conforme o contexto se referem a ele como Dr. Savimbi ou simplesmente o “mais velho”, sobretudo durante a luta de guerrilha, período pós-independência. Outras designações de Kotas, mwata que tem um significado polissêmico de mais velho e de Chefes, também são usados sempre para se referirem ao poder neles concentrados.

Exemplos, estão contidos nas memórias de Samuel Chivale, Jorge Valentim, e por fim a entrevista de John Marcum que deu em Luanda ao Novo Jornal, (Luanda) em 15 de Agosto de 2008.

Ao ser questionado: “Os jovens das formações partidárias assumem, muitas vezes, que não têm poder real e que não enfrentam os “mais velhos”, porque muitas vezes, são estes que lhes garantem a ascensão no partido e benefícios pessoais.”

John Marcum responde:

Isso ultrapassa a dimensão política. É uma questão social e de hierarquia de valores. Demonstra um respeito excessivo pelos mais velhos e pela autoridade. Construir verdadeiros sistemas democráticos demora muito tempo, e não há um que seja perfeito. Há que lutar contra todas as adversidades.

Esta é sem dúvida uma questão pertinente a ser analisada a partir de diversos momentos históricos. Assim não podemos esquecer dos jovens intelectuais dos anos 50 que deram origem aos movimentos políticos clandestinos e estabelecem uma primeira ruptura nesta dicotomia, ela foi importante historicamente. No entanto, as relações institucionalizadas pelos partidos conduzem hoje a superar esta situação. Mas não podemos esquecer que Angola com a formação de novas elites emergentes de jovens que estão hoje em cerca de 10 Universidades e que somam mais de 100.000 alunos representam algo de novo a ponderar.

BIBLIOGRAFIA

Textos de Memórias e Biográficos

- Andrade. Costa – **Adobes de Memória (2 Vol.)**, Ed. Chá de Caxinde, Luanda, 2002.
- Andrade, Mário de – **Mário Pinto de Andrade, Uma Entrevista dada a Michel Laban**, Ed, Sá da Costa, Lisboa, 1997.
- Carreira, Iko – **Memórias**, Ed.Nzila, Luanda, 2005.
- Chivale, Samuel – **Cruzei-me com a História (Autobiografia)**, Sextante Editora, Lisboa,2008.
- Daskalos, Sócrates, **Um Testemunho para a História de Angola, Do Huambo ao Huambo**, Ed. Veja, Lisboa, 2000.
- Matrosse, Dino – **Memórias,(1961-1971)** Ed. Nzila, Luanda, 2005.
- Pimenta, Fernando Tavares – **Angola no Percurso de um Nacionalista, Conversas com Adolfo Maria**, Edições Afrontamento, Porto, 2006.
- Rocha , Edmundo & Francisco Soares e Moisés Fernandes (org.s) – **Viriato da cruz, O Homem e o Mito, Porto Amboim Angola 1928- Beijing (China) 1973**, Ed. Chá de Caxinde, Luanda, 2008.
- Rocha, Edmundo, **Angola, Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano, Período de 1950-1964), Testemunho e Estudo Documental – 2 Volumes**, Ed. Kilombelombe, 2002.
- Rodrigues, Deolinda – **Cartas de Langidila e outros documentos**, Ed. Nzila, Luanda, 2004.
- Sakala, Alcides – **Memórias de um Guerrilheiro, Os últimos anos de Guerra em Angola**, Ed. Dom Quixote, Lisboa, 2005.
- Valentim, Jorge – **Esperança 1954-75, Época de Ideais da Independência e Dignidade**, Nzila, Luanda, 2005.

Textos Teóricos

- Cohen, Abner – **O Homem Bidimensional, A Antropologia do Poder e o Simbolismo em Sociedades Complexas**, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
- Dias, Jill - Uma Questão de Identidade: Respostas intelectuais às transformações econômicas no seio da Elite crioula de Angola portuguesa entre 1870 e 1930. in **Revista Internacional de Estudos Africanos**, nº 1, Janeiro/junho 1984.
- Margarido, Alfredo – Du mariage comme revelateur politique, in revista **Esprit**, mars 1976 (seção Journal à Plusieurs Voix) pp.551-552.
- Martin, Phyllis M. – Family Strategies in Nineteenth-Century Cabinda, in **Journal of African History**, 28 (1987), pp. 65-86.